


A PERSPECTIVA DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS SOBRE A INCLUSÃO DE PESSOAS SURDAS EM ESCOLA REGULAR DO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BA**THE PERSPECTIVE OF THE LIBRAS TRANSLATOR/INTERPRETER ON THE INCLUSION OF DEAF PEOPLE IN A REGULAR SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF JEQUIÉ-BA** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-005>**Léia Silva Santos**

Licenciatura em Letras com habilitação em Libras - LETRAS/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Proficiência em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa/Libras-PROLIBRAS (UFSC/MEC). Especialização em Língua Brasileira de Sinais - Libras, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI.
E-mail: trabalho.lssantos@gmail.com

Leonardo Moraes dos Santos

Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialização em Gestão e Supervisão Escolar, pelo Instituto de Educação Ocidente (ISEO). Mestrado em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
E-mail: leonardomoraessantos@bol.com.br

RESUMO

A inclusão de alunos surdos nas escolas regulares já é uma realidade no Brasil. Esse trabalho tem como objetivo compreender até que ponto a atuação dos Tradutores/Intérpretes de Libras tem contribuído para que esses alunos sejam de fato incluídos em escolas inclusivas na cidade de Jequié-Ba. Para tanto buscamos refletir sobre o papel dos principais membros da comunidade escolar envolvidos diretamente na Educação Inclusiva, identificar as principais dificuldades encontradas neste processo e por fim buscar possíveis soluções para elas com base em experiências individuais que tiveram sucesso. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva com abordagem qualitativa e consiste na análise e discussão com base em entrevistas realizadas com profissionais Tradutores/Intérpretes de Libras que atuam na cidade de Jequié-Ba. Este estudo servirá de base para nortear ações de futuros Tradutores/Intérprete na área da Educação Inclusiva bem como de professores de alunos surdos no sentido de buscar medidas necessárias para favorecer a construção do conhecimento do aluno surdo, fazendo-o se sentir efetivamente incluído na escola em que frequenta.

Palavras-chave: Inclusão; Surdos; Tradutor/Interprete de Libras.

ABSTRACT

The inclusion of deaf students in mainstream schools is already a reality in Brazil. The aim of this work is to understand the extent to which the work of Libras Translators/Interpreters has contributed to these students actually being included in inclusive schools in the city of Jequié-Ba. To this end, we sought to reflect on the role of the main members of the school community directly involved in Inclusive Education, identify the main difficulties encountered in this process and finally seek possible solutions for them based on individual experiences that have been successful. This is descriptive research with a qualitative approach and consists of analysis and discussion based on interviews with professional Libras Translators/Interpreters working in the city of Jequié-Ba. This study will serve as a basis for guiding the actions of future Translators/Interpreters in the area of Inclusive Education, as well as teachers of deaf students, in order to find the necessary measures to encourage the construction of knowledge for deaf students, making them feel effectively included in the school they attend.



Keywords: Inclusion; Deaf; Libras Translator/Interpreter.



1 INTRODUÇÃO

A inclusão do aluno surdo no ensino regular foi determinada pelo decreto de lei no 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que sanciona a Lei que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Desde então temos pessoas surdas compartilhando a classe com colegas ouvintes. A presença do aluno surdo na sala regular de ensino evidencia a necessidade de um profissional habilitado e competente que traduza e interprete a língua de sinais (LS) para a língua falada e vice-versa, mediando a sua comunicação com os colegas, professores e demais membros da comunidade escolar. Esse profissional é o Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS), neste trabalho mais precisamente, o de LIBRAS (BRASIL, 2004).

Essa realidade levantou a curiosidade de compreender como é o trabalho do TILS no espaço da sala de aula e como ele pode contribuir para a inclusão do aluno surdo e se ele se depara com alguma dificuldade para sua atuação. A inclusão destes alunos suscita o seguinte problema: Quais ações que podem ser realizadas para a efetiva inclusão e aprendizagem do aluno surdo no espaço escolar? A relevância deste trabalho consiste em proporcionar mais visibilidade a esses profissionais e assim estimular os demais integrantes da educação inclusiva a (re)conhecer as questões relativas a esse ofício tão importante.

Buscamos então, relatar as dificuldades enfrentadas por dois Tradutores/Intérpretes de Libras da cidade de Jequié-Ba, coletar sugestões de ações que podem facilitar o aprendizado das pessoas surdas que estudam em escola regular, bem como visualizar inclusão de alunos surdos pelo olhar desses profissionais. A metodologia utilizada neste trabalho foi de caráter exploratório e descritivo, fundamentando-se na pesquisa bibliográfica e documental.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Vivemos numa era onde a educação é direito de todos. Pessoas com ou sem diferentes deficiências aparente, também todas as com necessidades educacionais específicas frequentam as mesmas escolas. Isso se dá em atendimento à resolução CNE/CEB nº 2 a qual institui as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.

Afirma que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, 2011)

No entanto, para assegurar as condições necessárias para todos, é imprescindível que conheçamos nosso público, as pessoas surdas. Nossa legislação atual (decreto nº 5.626/05), reconhece o sujeito surdo como:



Art. 2o. Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005).

Desse modo, a visão de que a pessoa surda é incapaz de frequentar escola regular ou mesmo de aprender os conteúdos ali ministrados, não tem mais lugar em nossa sociedade. Encarando a realidade que estamos tratando de pessoas com direitos humanos inerentes a todas as pessoas, e que apenas possuem uma forma diferente de interagir com o mundo, podemos traçar ações que as incluam de fato em nossa sociedade. A escola é um bom lugar para começar essa inclusão.

Nesse caso, quais ações podem ser realizadas para a efetiva inclusão e aprendizagem do aluno surdo no espaço escolar? Qual/quais recursos ou conhecimentos são necessários para que este fim?

2.2 O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS NA ESCOLA

Para que o ensino seja ministrado com base no princípio de igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola conforme especificado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a comunicação efetiva entre as partes integrantes do processo de aprendizagem é condição mínima necessária. Para os surdos, o uso da Língua Brasileira de Sinais remete à figura do profissional Tradutor/Intérprete de Libras/Língua Portuguesa – TILSP. Alguém com fluência na Língua Brasileira de Sinais para mediar a sua comunicação com toda a comunidade escolar, em especial com professores e colegas. (BRASIL, 2004). Às vezes, o contato com a Língua de Sinais pode advir de laços familiares, talvez um familiar surdo fluente em Libras ou também com o contato com surdos em diferentes ambientes como religiosos ou acadêmicos incentivando ao conhecimento e estudo dessa língua. Nesse contexto Gesser (2009, p. 47) fala que:

(...) O intérprete tem sido uma importância valiosa nas interações entre surdos e ouvintes. Na maioria dos casos, os intérpretes têm contato com a língua de sinais a partir dos laços familiares e da convivência social com vizinhos e amigos surdos (ocorrendo geralmente em espaços escolares e religiosos).

No entanto, segundo Lacerda, para este profissional não basta ter conhecimentos específicos de técnicas de Tradução para seu uso na interpretação, mas também grande conhecimento da língua portuguesa e de todo o contexto que rodeia o sujeito surdo: questões culturais, sociais e políticas ligadas ao contexto de atuação. Sobre isso lemos:



(...) o trabalho de interpretação não pode ser visto, apenas, como um trabalho linguístico. É necessário que se considere a esfera cultural e social na qual o discurso está sendo enunciado, sendo, portanto, fundamental, mais do que conhecer a gramática da língua, conhecer o funcionamento da mesma, dos diferentes usos da linguagem nas diferentes esferas de atividade humana. Interpretar envolve conhecimento de mundo, que mobilizado pela cadeia enunciativa, contribui para a compreensão do que foi dito e em como dizer na língua alvo; saber perceber os sentidos (múltiplos) expressos nos discursos. (LACERDA, 2009, p. 21).

Independentemente de onde tenham vindo o estímulo para aprender a usar a Libras, o TIPS deve estar sempre buscando o aperfeiçoamento profissional por meio de curso de formação continuada, bem como cumprir os preceitos éticos estabelecidos no Código de Ética que rege a profissão.

Durante sua atuação, o TILS pode se deparar com diversos desafios em seu trabalho, principalmente quando o aluno não traz consigo o conhecimento da sua língua natural que é a Libras. Sendo assim, é preciso que ele, em harmonia com o professor regente discuta mecanismos para o desenvolvimento educacional deste aluno proporcionando sua inserção no espaço escolar como qualquer outra criança. Outra dificuldade encontrada por intérpretes de Língua de Sinais é em relação a sua prática cotidiana, pois “[...] encontra possibilidades restritas para o seu exercício profissional, com baixa remuneração e difícil acesso a cursos referentes à sua área de atuação, os quais são geralmente ofertados nos grandes centros urbanos” (GUARINELLO et al, 2008, p. 65). O que resulta no despreparo de alguns profissionais, em especial aqueles que interpretam conteúdos considerados mais complexos e com termos desconhecidos para a maioria das pessoas. Por exemplo, termos técnicos na área da saúde. Muitos desses termos não possuem um sinal correspondente em Libras. Hoje, já se pode contar com algumas plataformas on-line de instituições renomadas na educação de surdo para a apropriação de vocabulários específicos em Libras em diferentes áreas de conhecimento.

2.3 CAMINHOS DA PESQUISA

A metodologia utilizada neste trabalho foi de caráter exploratório e descritivo, fundamentando-se na pesquisa bibliográfica e documental, uma pesquisa de cunho qualitativo, onde não se pretende enumerar, nem tabular dados numéricos, mas descrever e compreender as diferentes realidades que é possível encontrar do objeto de estudo. Segundo Minayo (2000, p. 105), o campo de estudo de uma pesquisa qualitativa pode ser entendido enquanto “[...] recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos e do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação”. Desse modo, optei por entrevistar profissionais Intérpretes de Libras que acumularam experiências adquiridas em anos de atuação em escolas de diferentes níveis de ensino de educação inclusiva em Jequié-Ba.

Os sujeitos da pesquisa foram dois Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais - TILS que atuam diretamente na educação inclusiva, no município de Jequié-Ba. São eles: - TILS 01- Graduado em pedagogia, Especialista em Libras – Atualmente é Intérprete da rede estadual de ensino com cerca de onze



anos de atuação profissional. E - TILS 02 – Graduado em pedagogia, Especialista em Libras – Atualmente Interprete Educacional da Rede estadual de educação básica e superior de ensino com dez anos de experiência.

Um método de pesquisa bastante usual, é a aplicação de questionários. Que se trata de um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 87). Nesse caso, foi utilizado a ferramenta de formulário on-line da plataforma Google. Com base nisso, a coleta de dados para a presente pesquisa foi realizada através da aplicação de questionário contendo cinco perguntas subjetivas, onde havia questões referentes ao trabalho dos dois intérpretes que atuam diretamente em sala de aula, mas com o propósito principal, de descobrir as dificuldades encontradas por estes profissionais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a formação, observamos que a educação superior é importante para o crescimento profissional dos TILS embora essa não seja a realidade de todos os profissionais e também não foi um fator determinante no começo de sua carreira. É imprescindível que estes sempre busquem o aprofundamento na área de atuação.

Quando questionados sobre o papel do intérprete educacional, ambos afirmaram que é mediar a comunicação entre surdos e ouvintes no espaço escolar. Notamos que não houve menção de atribuições como a de assessorar o estudante surdo em suas atividades. A esse respeito, AMPESSAN, et al, 2013, afirma que:

(...) As posturas que queremos mencionar são as que nós, intérpretes, passamos a nos atribuir por conta própria, como: cuidar do caderno do aluno, se ele terminou ou não de copiar, responder as perguntas que o aluno faz sem repassá-las ao professor que é o responsável pelo conteúdo, controlar a saída e a entrada do aluno em sala de aula, liberando-o para o banheiro ou não. Enfim, estas são atitudes simples que muitos intérpretes ainda realizam pela falta de conhecimento, ou muitas vezes por falta de competência em interpretação. Sim, de fato muitos intérpretes usam de “compensação”, isto é, compensam suas insuficiências e falhas na língua de sinais e na interpretação, por fazer outras atribuições nas quais, definitivamente, não lhes compete. (AMPESSAN, et al, 2013)

Se cada profissional tradutor intérprete tivesse a compreensão adequada de sua função em sala de aula, o aluno surdo teria o benefício de saber exatamente com que contar para cada uma de suas necessidades educacionais específicas. É notório a que postura dos intérpretes entrevistados estão de acordo com a bibliografia consultada.

Quando questionados sobre se em seu espaço de atuação os papéis são claramente compreendidos e estabelecidos o TILS 01 afirmou que atualmente sim, mas que isso nem sempre foi uma realidade. O TILS

02 acrescentou que em algumas situações, a falta de conhecimento sobre seu papel parte também dos próprios colegas intérpretes de Libras.

Falando sobre de que forma o TILS pode contribuir com o processo de ensino- aprendizagem do aluno surdo, o TILS 02 afirma: “Sim, o bom desempenho do profissional, é um dos requisitos necessários para um bom desenvolvimento do aluno. Além disso, se o tradutor intérprete tiver um bom relacionamento com o aluno e com os professores isso contribuirá no ensino aprendizagem.” A esse respeito ALBRES menciona:

A esfera educacional trabalha essencialmente com professores e alunos, colocando o intérprete como mediador de processos de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o IE é mobilizado pelos interlocutores, a depender do nível de ensino, da condição de aquisição de linguagem, do componente curricular a ser interpretado, das questões afetivas e subjetivas nas relações com os outros definidos pelos papéis sociais (i.e., professores e alunos) serem solicitados a relatar as dificuldades encontradas em sua atuação, os TILS mencionaram: a confusão de papéis do envolvidos na educação inclusiva; a falta de material didático específicos para a educação de surdos; a falta de vocabulário específico em libras para algumas áreas de conhecimento; a falta de credibilidade que os alunos surdos tem por parte de seus professores e por fim, a falta de comprometimento de alguns alunos surdos diante de uma escola que não é de fato inclusiva. Sim, que o surdo é exclusivamente do intérprete. O TILS 01 descreve que muitas vezes: “O intérprete é um tapa buraco na escola”

A falta de sinais com correspondência aos termos técnicos complexos, é uma realidade, visto que a Libras é uma Língua relativamente mais nova do que a Língua portuguesa, acrescido a isso existe a tendência natura de buscar uma palavra equivalente a cada termo usado na sala de aula. No entanto, o intérprete educacional deve assumir uma postura de pesquisador junto ao discente surdo. Em um momento diferente da sala de aula, entre o pesquisador e o TILS, o mesmo mencionou que quando isso acontece é necessário criar junto com os surdos novos termos. No momento que ainda não é criado, é utilizado a soletração manual ou a datilologia na interpretação. Recurso que tem sua eficiência restrita e intimamente relacionada ao nível de conhecimento que o aluno tem da Língua Portuguesa. O intérprete educacional deve, portanto, estar sempre estudando e se atualizando para obter uma boa interpretação nas aulas e nas diferentes disciplinas, pois há muitos termos específicos dentro das disciplinas de biologia, química, física, filosofia que não têm sinais nas libras, e, para o intérprete, conhecendo seus significados, torna-se mais fácil explicar para os alunos surdos a forma de combinarem um sinal entre si para estes termos (OLIVEIRA, 2012, p. 100).

Por fim, considerando de que modo o professor de aluno surdo pode favorecer a aprendizagem do mesmo, foram mencionadas ações como: direcionar a aula diretamente para o aluno reconhecendo-o como seu aluno e não uma responsabilidade do Intérprete; informar com antecedência para o intérprete de Libras o conteúdo a ser trabalhado na próxima aula, de modo que intérprete e professor possam desenvolver melhores aulas e a tradução tenha metodologia adequada que beneficie a TODOS os alunos, sobretudo aos surdos. Sobre a atuação do professor na escola inclusiva MANTOAN afirma que “O professor inclusivo



não procura eliminar a diferença ...ele está atento aos diferentes tons das vozes que compõem a turma, promovendo a harmonia, o diálogo contrapondo-as, complementando-as.” (MANTOAN, 2015). Fica evidente então que o diálogo e a boa interação entre alunos e professores e a atmosfera de colaboração entre o TILS e o professor regente é de suma importância para o sucesso na inclusão escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado revela que ainda temos muito a melhorar enquanto profissional Tradutor/Intérprete de LIBRAS. As dificuldades são muitas, mas buscamos a cada dia desenvolver estratégias para amenizar os impactos sobre o aluno surdo. Refletir sobre os papéis de cada um no processo os levou a considerar ações que podem tornar a escola um espaço de fato inclusivo para os surdos.

Um bom planejamento das aulas por parte dos professores, uma postura ética e responsável por parte dos intérpretes, aliada a uma postura de pesquisador podem sim contribuir para que resultados satisfatórios sejam alcançados na educação inclusiva. A legislação brasileira vigente se configura uma importante aliada nesse processo. Desse modo conseguimos alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa. As dificuldades no âmbito da sala de aula mostraram que este profissional vivencia situações diversas e desafiadoras em seu trabalho e que o mesmo procura mecanismos para resolvê-las, evidenciando desta maneira que foi possível alcançar o objetivo que era esperado com esta pesquisa.

Também é fundamental destacar a função da escola como um espaço inclusivo, uma vez que frequentemente não são fornecidos recursos para que o tradutor/intérprete de Libras possa realizar seu trabalho de forma a garantir uma mediação comunicativa eficaz.

Este estudo expandiu a compreensão dessa área ao destacar a importância do trabalho do TILS, particularmente no contexto educacional e os desafios que enfrentam. Além de abrir possibilidades para que pesquisas futuras sejam conduzidas nesse campo da educação de surdos, contribuindo assim para a contínua busca pelo desenvolvimento profissional dos TILS educacionais e dos docentes de alunos surdos.



REFERÊNCIAS

_____. BRASIL. Decreto no 5.625, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, Brasília. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 25 de jul.2019

_____.BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm> Acesso em: 26 de jul.2019.

_____.BRASIL. Lei de Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____.RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001.(*)
Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2019.

_____.BRASIL, Secretaria de Educação Especial. O tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa. Brasília, MEC, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2019

GESSER, A. LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional / Org. João Paulo AMPESSAN, Juliana Sousa Pereira Guimarães e Marcos Luchi -- Florianópolis: DIOESC, 2013. p. 39

ALBRES,N,de A. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais/ The Roles of the Educational Interpreter: Between Social Practices and Education Policies Neiva de Aquino Albres* Carlos Henrique Rodrigues**.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v13n3/2176-4573-bak-13-03-0015.pdf>> Aceso em: 30 de jul. de 2019.

OLIVEIRA, F. B. Desafios da inclusão dos surdos e o intérprete de libras. Diálogos e saberes, Mandaguari, v. 8, n. 1, p. 93-108, 2012.

MANTOAN, M.T.. Inclusão escolar o que é? Por que? Como fazer? Reimpressão são Paulo. Editora Summos, p. 79, 2015..